

Negro & Quilombola¹: a identidade étnica em questão na comunidade remanescente de quilombos de Caiana dos Crioulos-PB²

Black & Quilombola: An ethnic identify in question remnant community of quilombo Caiana dos Crioulos-PB (Brazil)

Hezrom Vieira Costa Lima*

Resumo

O presente artigo visa analisar como ocorre o processo de construção da identidade de quilombola em uma comunidade remanescente de quilombos paraibana, a comunidade de Caiana dos Crioulos. Nossa principal motivação foi buscar compreender como ocorreu o processo de transformação identitária, por parte dos moradores da comunidade, a partir do momento que ela foi reconhecida como uma legítima CRQs. Nesse contexto algumas questões buscaram ser compreendidas. O que poderia ser considerado um quilombola? O que o diferencia de um “não-quilombola”? Essa nova identidade ressignifica a identidade étnica e racial de ser negro? Essa comunidade foi aceita pelos moradores? Para a realização da pesquisa, foram selecionadas cinco moradoras, de idade e vivências diferenciadas, para traçar um panorama inter-geracional sobre o que é ser quilombola em Caiana dos Crioulos. Dessa forma, o presente artigo busca contribuir para a historiografia sobre as comunidades quilombolas brasileiras, bem como dialogar com as discussões acerca da questão étnica e racial.

Palavras-chave: Quilombola. Identidade. Negro.

Abstract

This article aims to analyze how is the process of construction of quilombo identity in a remnant quilombo community of Paraiba, the community of “Caiana dos Crioulos”. Our main motivation was to try to understand how was the identity transformation process by the community residents, from the time that it was recognized as a legitimate RQC. In this context some questions sought to be understood. What could be considered to be a quilombo? What differentiates a "non- quilombo"? This new identity reframes ethnic and racial identity of being black person? The same was accepted by the locals? For the research were selected five residents, old and different experiences to draw an inter- generational overview of what is to be quilombo in “Caiana dos Crioulos”. Thus, this article seeks to contribute to the historiography of the Brazilian Quilombo communities and dialogue with discussions about ethnic and racial issues.

Keywords: Quilombo. Identity. Black person.

¹ Utilizando o mesmo artifício linguístico que Gilberto Freyre em sua trilogia: **Casa Grande & Senzala** (1933), **Sobrados & Mocambos** (1936) e **Ordem & Progresso** (1957), bem como José Carlos Reis em **História & Teoria** (2006) e **Teoria & História** (2012), espero que o leitor perceba a mesma relação existente nos títulos dessas obras, ou seja, não uma dualidade presente em termos opostos, mas sim termos que se completam, pois, a meu ver, a identidade étnica do ser quilombola não anula a etnicidade de ser negro, ambas se complementam, de forma simbiótica, existindo uma linha bastante tênue que separa os dois, conforme será percebido ao longo do texto.

² O presente artigo é uma versão revisada e ampliada de um capítulo da dissertação do autor, apresentada ao PPGH da UFPB no ano de 2015, cujo título é **“Já veio tudo dos antepassados”: História, Memória e Identidade Étnica em Caiana dos Crioulos**, sob orientação da professora Dra. Solange Pereira da Rocha.

* Mestre em História pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Professor da Universidade Paulista (UNIP) – campus de Campina Grande-PB.

Introdução

Quilombos³, mocambos, *cimarrones*, *palenques*, *cumbes* e *marrons* são termos que designam as formas de organização da população negra que negou a condição imposta de cativos nas sociedades atlânticas no período colonial (GOMES, 2005; 2006). Nesse contexto, o fenômeno da formação de quilombos emerge como rompimento imediato da condição do negro escravizado. Após diversos fatores internos, como a formação de quilombos e a ação dos abolicionistas, e externos, como a pressão inglesa, a manutenção da escravidão no Brasil ficou inviável, tendo como fim a abolição. Entretanto o termo quilombo não poderia mais ser utilizado legalmente, uma vez que a definição proposta pelo Conselho Ultramarino de 1740⁴ caía em desuso.

Dessa maneira, um debate envolvendo, principalmente, história e antropologia foi gerado em torno da concepção de quilombo, como a questão levantada sobre o termo estar “frigorificado” (ALMEIDA, 2002, p. 47), ou seja, seu significado histórico não mais é suficiente para englobar os arranjos desenrolados no pós-abolição. Entretanto, compactuo com a percepção de que o conceito de remanescente de quilombos engloba uma gama de fatores que extrapolam a noção de local de ex-escravo fugido, abarcando terras doadas por antigos senhores, posseiros, entre outras (O'DWYER, 2002). Desse modo, acredito que uma aproximação entre a história e a antropologia, percebendo as variações referentes às percepções identitárias dos moradores dessas comunidades remanescentes de quilombos, bem como suas transformações temporais, tendo como foco a memória dos moradores, são elementos cruciais nessa jornada (ARRUTI, 2006 e MATTOS, 2006).

A partir disso, algumas dúvidas surgem como, o que poderia ser considerado um quilombola? Quais características os diferenciam dos demais “não-quilombolas”? Como e em que medida o fato do **ser** quilombola se fez presente nos moradores da comunidade de Caiana dos Crioulos⁵? É uma aceitação por parte de todos os

³ No Brasil, o termo quilombo tornou-se sinônimo de resistência. Resistência atrelada à negação de uma condição imposta que tentava, diariamente, transformar os africanos e seus descendentes, que se encontravam na condição de cativos, em coisas.

⁴ De acordo com Moura (1981, p. 16), o Conselho Ultramarino definia quilombo como “[...] toda habitação de negros fugidos que passem de cinco, em parte despovoada, ainda que não tenham ranchos levantados nem se achem pilões neles”.

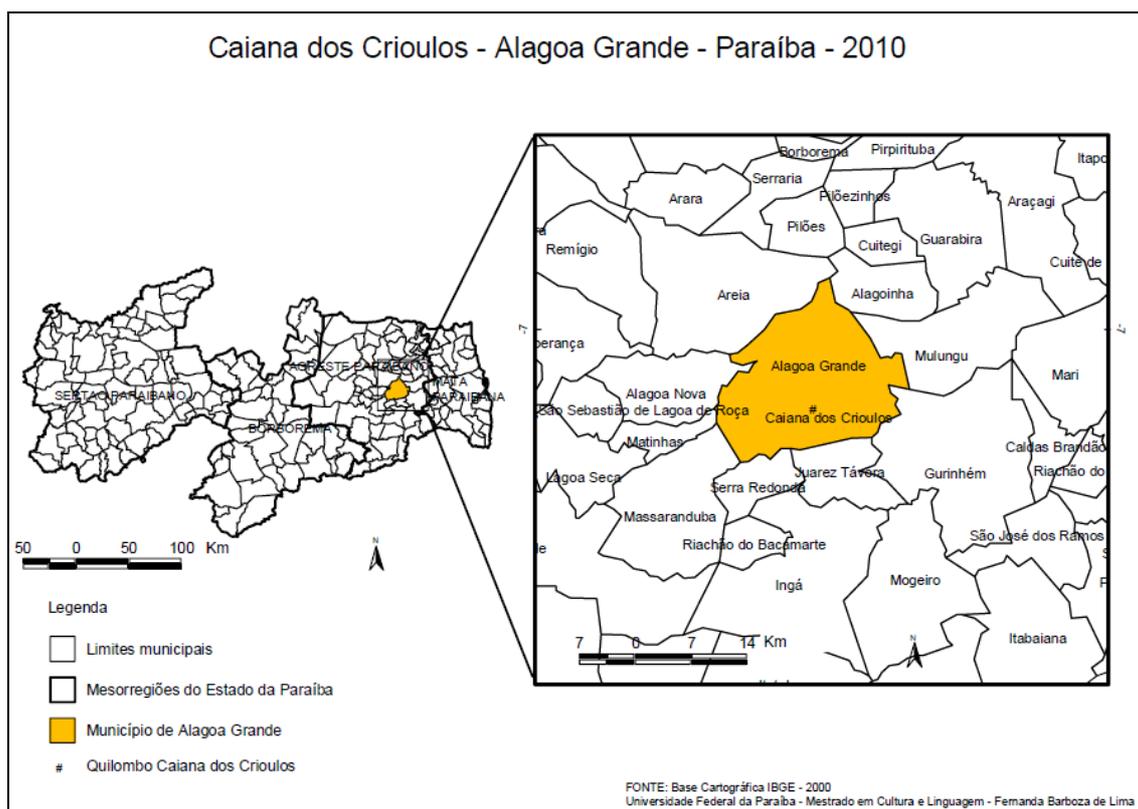
⁵ Dona Edite, umas das moradoras mais antigas, e que serve com uma das principais interlocutoras da comunidade com os “de fora”, afirmou que o adjetivo “dos Crioulos” não fazia parte da origem da comunidade, mas que fora fruto de um político local, que batizou a comunidade para diferenciá-la das demais Caianas da região (2011, pesquisa de campo).

moradores? Como essa nova identidade ressignifica a identidade étnica e racial do ser negro? Essas são algumas das questões que buscaremos responder ao longo do texto.

Caracterizando Caiana dos Crioulos: localização geográfica e aspectos socioculturais

A comunidade de Caiana dos Crioulos⁶ é (re)conhecida em nível local e nacional por ser uma das mais antigas comunidades quilombolas da Paraíba. Além disso, ela destaca-se por possuir uma população diferenciada etnicamente das demais localidades paraibanas, com uma ancestralidade negra e pelas práticas tradicionais, como a ciranda, que se desenvolvem nessa comunidade.

Figura 1 – Localização de Caiana dos Crioulos



Fonte: (LIMA, 2014, p. 79).

⁶ Caiana dos Crioulos é uma Comunidade Remanescente de Quilombos, legitimada em 08 de junho de 2005 pela Fundação Cultural Palmares. Está localizada na zona rural da cidade de Alagoa Grande – PB, microrregião do Brejo Paraibano e mesorregião do Agreste do mesmo estado, há aproximadamente 117 km da capital, João Pessoa.

Os moradores de Caiana possuem um jeito de falar próprio (LIMA, 2014), uma relação de pertencimento com o seu território característico (MOREIRA, 2009), uma forma peculiar de rememorar sua história e transmitir para as gerações futuras (LUIZ, 2013), assim como uma manutenção das tradições herdadas pelos seus antepassados (LIMA, 2015), características que vislumbram a possibilidade de entendimento das relações étnico-raciais no Brasil, bem como a relação dos moradores com sua memória, que se torna tanto uma memória de resistência (MATTOS, 2012) quanto um referencial de ancestralidade e identidade (FUNES, 1996).

Apesar de serem conhecidas outras comunidades na Paraíba,

[...] foi Caiana que veio primeiro colocar em xeque a assunção da categoria de quilombola num complexo contexto fundiário em que se sobrepõem áreas de assentamento do Incra, propriedades privadas e um território fundado na concepção de ancestralidade e tradição negra. (FIALHO, 2005, p. 1).

A comunidade de Caiana dos Crioulos ganha destaque na luta pela terra e pelo seu reconhecimento em âmbito estadual quando de sua legitimação como Comunidade Remanescente de Quilombo, ressaltando-se, entre outras características, a sua ancestralidade negra, como também a cultura de resistência utilizada pelos seus moradores no seu cotidiano. Tal fato pode ser observado por meio da Ciranda e do Coco de Roda, da utilização de uma indumentária que valoriza sua identidade étnica, como as tranças utilizadas por algumas moradoras, e na valorização das heranças deixadas pelos antepassados.

A realização da pesquisa: metodologia e fontes

Para a realização dessa pesquisa, além da análise das fontes documentais, lançamos mão também da aplicação da metodologia da História Oral⁷ (LOZANO, 2000). Portanto, destacamos que, enquanto fontes orais⁸, foram escolhidas pessoas que vivenciam a Comunidade de Caiana de formas variadas em distintos espaço-tempo: Dona Edite, Cirandeira e membro Organização das Mulheres Negras de Caiana; Elza,

⁷ De acordo com Lozano (2000, p.10), “A História Oral é um procedimento destinado à constituição de novas fontes para a pesquisa histórica, com base nos depoimentos orais colhidos sistematicamente em pesquisas específicas, sob métodos, problemas e pressupostos teóricos explícitos.”

⁸ Como fontes orais, apoiamos-nos na definição de Voldman (2006, p. 36) ao entender que “a fonte oral é o material recolhido por um historiador para as necessidades de sua pesquisa, em função de suas hipóteses e do tipo de informações que lhe pareça necessário possuir”, dessa forma acreditamos existir uma relação simbiótica entre história oral/memória/identidade.

também Cirandeira e engajada politicamente; Maria das Dores (também conhecida por Neide), professora que morou um tempo fora (no Rio de Janeiro) e retornou para Caiana; Luciene, professora de Caiana que se mudou para Alagoa Grande; Lúcia de Fátima, professora de Caiana, mas, ao contrário das outras, não é moradora da comunidade. Essa variedade de experiências de vida serviu para traçar uma visão panorâmica acerca da comunidade, fato que auxiliou bastante minha pesquisa. A professora Lúcia de Fátima⁹, por exemplo, sempre explicitava em sua fala que seu relato consistia em sua “opinião”, que era a “visão de alguém de fora da comunidade”, mesmo que ela tenha participado ativamente de diversas atividades no âmbito cultural e educacional na comunidade ao longo dos anos.

A pesquisa baseada na História Oral se desenvolveu em três etapas. A primeira delas constituiu-se em uma aproximação com os entrevistados, na qual foram apresentados o projeto, bem como as problemáticas relacionadas a pesquisa. Nesse momento, priorizei a informalidade, explicando o meu lugar de origem, a Instituição de Ensino Superior a que estava vinculado e relembrando sobre o primeiro contato que tive com a comunidade de Caiana dos Crioulos, ainda enquanto aluno da especialização na Universidade Estadual da Paraíba, assim como explicando os motivos pelos quais me interessei pelas práticas culturais da comunidade e em torná-la objeto de pesquisa para o Mestrado. Esse tipo de contato se estabeleceu pessoalmente, sendo utilizado, posteriormente, outras formas de contato como o telefone celular, *email* e as redes sociais.

Em seguida, após explicar a intencionalidade da pesquisa e como ela poderia retornar para a comunidade, escolhemos a data e o local adequado para a realização das entrevistas, ambos estabelecidos a critério do entrevistado, ou seja, um local com o mínimo de ruídos e trânsito de pessoas, para evitar incômodos na realização da entrevista.

Quando no momento das entrevistas¹⁰ foi apresentado previamente para as entrevistadas um questionário com as perguntas a serem realizadas, para que elas já fossem tomando conhecimento de como ela seria realizada e quais os interesses que

⁹ Lúcia de Fátima Júlio, 59 anos, professora, engenheira agrônoma. Entrevista concedida em 8 de março de 2014. Local: Alagoa Grande-PB.

¹⁰ O tempo das entrevistas variou bastante, sendo a mínima com 45 minutos e a maior com mais de 2 horas, o que acarretou em um banco de dados extremamente rico, com mais de 9 horas de gravação e depoimentos referentes à memória pessoal e coletiva de Caiana dos Crioulos.

norteavam a entrevista. O objetivo desse processo era sanar qualquer dúvida que pudesse existir referente às perguntas.

Negro & Quilombola: a identidade em questão

Negro e Quilombola, dois termos que parecem ser distintos e de fácil diferenciação, mas que, no contexto de uma comunidade remanescente de quilombo, sua compreensão não se torna tão simplista. Sendo assim, para que seja possível a compreensão dos dois termos diante da conjuntura de uma comunidade remanescente de quilombola ou o estabelecimento de uma concepção sobre a questão da identidade étnica em uma comunidade remanescente de quilombola, inicialmente, faz-se necessário uma separação entre os conceitos de raça e etnia.

O primeiro termo, “raça”, está inserido em um contexto colonial de caracterização e diferenciação dos indivíduos, sejam essas diferenças de ordem física ou biológica, estabelecendo sempre uma relação de hierarquia. Já o segundo termo, “etnia”, relaciona-se com a herança cultural deixada para um grupo por uma origem ancestral comum (BARTH, 2011; FERREIRA, 2009). Portanto, a identidade étnica está direcionada ao acúmulo e manutenção dessas heranças culturais, permitindo observar diferenças entre aquele grupo e outros com ele relacionados, mesmo que próximos espacialmente.

A identidade é um elemento crucial para podermos entender a ideia de pertencimento que os indivíduos sentem em relação a uma gama de significados e atribuições simbólicas aos elementos que os cercam, sendo necessário estabelecermos um diálogo com a antropologia e com a psicologia para aprofundar a questão da identidade, sobretudo a noção de identidade étnica. Desse modo, a identidade adquire uma relação ambivalente entre “eu X eles”, pois não é somente a percepção que o indivíduo faz de si que o **diferencia** dos demais, mas também o processo de afirmação e legitimação de determinados aspectos e referências de sua identidade que o torna **diferente** daquele (ou daqueles) que está(ão) inserido(s) em outros grupos.

Em um estudo com base na psicologia, enfocando a importância da construção de uma identidade afrocentrada, sobretudo em uma sociedade em que os valores de uma sociedade branca são tidos como ideais, como é o caso da sociedade brasileira, e analisando também as implicações decorrentes desse processo, a identidade

[...] não se reduz somente a uma representação do indivíduo a distingui-lo de outros e, ao mesmo tempo, indicando uma semelhança sua em relação a determinado grupo de referência, porém, mais do que isso – e o que é decisivo para o desenvolvimento da identidade do afrodescendente em uma comunidade hegemônica de valores “brancos” – a identidade é uma referência em torno da qual a pessoa se constitui. (FERREIRA, 2009, p. 47).

Para além da psicologia, a identidade também é estudada no campo da antropologia. De acordo com esse campo do saber, os debates sobre identidade étnica se acomodam no domínio da etnicidade, uma vez que analisa os processos de construção da identidade de caráter atributivos e designativo da identidade, os quais, na visão de Poutgnat e Streiff-Fenart (1999. p.17), consistem em “examinar as modalidades segundo as quais uma visão de mundo 'étnica' é tornada pertinente para os atores”.

De acordo com Barth (2011), a identidade étnica ou etnicidade não é um elemento estático, que se isola em uma espécie de ilha e se torna alheio a modificações de ordem histórica, social e cultural, por exemplo. Para o autor, é a partir das relações estabelecidas com o outro – o diferente – que ela é modificada. Desse modo, a identidade quilombola se transforma, seguindo o raciocínio de Barth, em um grupo étnico, pois é **por** e **através** dela que os moradores de Caiana vão se identificar, tanto em relação a sua **origem** quanto ao **meio ambiente** no qual estão inseridos, nesse caso, a comunidade de Caiana dos Crioulos.

Essa identificação que se estende no campo interno e externo do indivíduo é entendida da seguinte maneira:

Uma atribuição categórica é uma atribuição étnica quando classifica uma pessoa em termos de sua identidade básica mais geral, presumivelmente determinada por sua origem e seu meio ambiente. Na medida em que os atores usam identidades étnicas para categorizar a si mesmos e outros, com objetivos de interação eles foram grupos étnicos neste sentido organizacional. (BARTH, 2011, p. 193-194).

Tendo como base esse referencial, fica evidente o fato de que a identidade não é algo estático e, principalmente, ela é construída ao longo da vida dos indivíduos. Dessa forma, cinco características permeiam a identidade: individualidade, concretude, temporalidade, socialidade e historicidade.

Identidade tem relação com **individualidade** – referência em torno da qual o indivíduo se constrói; com **concretude** – não uma abstração ou mera representação do indivíduo, articulando-se com uma vida concreta, vivida por um personagem concreto, alicerce de uma sociedade igualmente concreta e constituída por vidas vividas; com **temporalidade** – transforma-se ao longo do tempo; com **socialidade** – só pode existir em um contexto social; com

historicidade – vista como configuração localizada historicamente, inserida dentro de um projeto e que permite ao indivíduo alcançar um sentido de autoria na sua forma particular de existir. (FERREIRA, 2009, p. 47 – grifos no original).

As cinco características definidas por Ferreira nos servirão de norte para podermos compreender o papel de destaque que a identidade exerce nos moradores de Caiana, demonstrando como ela foi se modificando ao longo do tempo e como os moradores foram ressignificando sua identidade, tanto em relação aos seus pares, como no que concerne aos outros, nesse caso, os moradores da cidade de Alagoa Grande.

A primeira delas, a **individualidade**, diz respeito à percepção do indivíduo no tocante a sua diferenciação com os demais; a segunda delas, a **concretude**, pode ser entendida como a vivência material desse indivíduo, na qual ele colocará em prática a sua individualidade; a terceira característica diz respeito à **temporalidade**, pois ela não é estática, sendo constantemente modificada com o passar do tempo, sofrendo interferências de âmbito interno e externo; a quarta delas, a **socialidade**, afirma o contexto social no qual esse indivíduo está inserido; e, por fim, a **historicidade**, em que o indivíduo busca alcançar um “sentido de autoria na sua forma particular de existir”.

De acordo com Barth (2011), grupos étnicos não podem ser ordenados como um todo homogêneo, pois, para o autor, culturas estão sempre em movimento, contém contradições e são incoerentes. Juntando a problemática das variações que cada cultura traz consigo e sua implicação no estudo da identidade étnica em grupo, Barth (2011) afirma que a cultura pode ser utilizada para manter a diferenciação entre grupos étnicos próximos geograficamente por meio de processos internos que possam acentuar as diferenças entre eles.

Desse modo, a comunidade quilombola de Caiana dos Crioulos se configura como um grupo étnico¹¹, já que possui diferenças tanto com grupos próximos dela, como é o caso das outras Caianas existentes na região¹², a Caiana do Agreste e Caiana de Embira, quanto com grupos, relativamente distintos, em se tratando do município de Alagoa Grande. No tocante às origens de ambas as caianas, dos Crioulos e do Agreste, ou seja, se há alguma aproximação ou distanciamentos entre ambas, Elza¹³ esclareceu:

¹¹ Concepção também percebida por Luiz (2013).

¹² A percepção de uma diferenciação étnica/geográfica foi perceptível durante a realização da pesquisa de campo, entretanto, devido ao tempo de duração do mestrado, não foi possível um aprofundamento nessa temática.

¹³ Elza Ursulino Nascimento Silva, 40 anos, agricultora, agente comunitária de saúde e cirandeira. Entrevista 1, concedida em 15 de abril de 2014. Local: Museu Jackson do Pandeiro (Alagoa Grande-PB).

Rapaz, eu acho que tem, mas tem uma certa mudançinha, das origens deles. Eu acho que tem alguma mudança, pelo menos assim, se você for nessa questão que eu tava falando, **eles não se assumem negro, pra começar**. É... Eles tem mais assim... Você olhando assim, **você vê que eles tem mais como um indígena do que...** É, olhando assim né? **Na pele, né questão de... de tom pele**, mas, eu não deixo também, eu não deixo também de não ser também da mesma história. Agora, como foi que isso se deu? **Provavelmente o negro casou, se ajuntou, sei lá, com alguma indígena lá, alguma cabocla**. Sei lá... E se gerou mais ali, centralizou mais ali... É um pouco isso. (grifos meus).

Percebemos na fala de Elza que, apesar das duas Caianas compartilharem um território próximo e antes do reconhecimento como uma legítima Comunidade Remanescente de Quilombo as duas se situarem em um mesmo território, ambas as Caianas, dos Crioulos e do Agreste, possuem uma diferença que, atualmente, as impossibilitam de serem caracterizadas como iguais, nesse caso, o tom da pele, uma vez que os habitantes da Caiana do Agreste “não se assumem negros, pra começar”. De acordo com Elza, assim como os moradores da Caiana do Agreste, a sua etnicidade está mais voltada para a população indígena.

A percepção de uma herança indígena por parte dos moradores de Caiana do Agreste também é compartilhada pela professora Luciene¹⁴, elemento que se constitui ainda enquanto uma interface da sua caracterização como **grupos étnicos**, pois servem de diferenciação e autorreconhecimento por parte daqueles que compartilham da origem em comum, assim como serve de reconhecimento por parte dos diferentes, como fora percebido nas elucidações propostas por Elza e pela professora Luciene. Sobre essa linha tênue que separa a igualdade e diferença entre Caiana dos Crioulos e Caiana do Agreste, a professora Luciene afirma:

A gente percebe que o pessoal lá de Caiana do Agreste eles não tem assim as mesmas características que nós aqui quilombola. Eles, eu acho, assim, ao meu ver, **eles são descendentes mais de indígenas**, pelas características, as fisionomias (grifos meus).

Elza, quando questionada se achava necessário a diferenciação das Caianas, como, por exemplo, Caiana do Agreste e dos Crioulos, reafirma a identidade negra como característica de etnicidade e diferenciação da Caiana dos Crioulos para as demais comunidades rurais da região. Ao comentar um diálogo ocorrido entre ela e um morador

¹⁴ Luciene Tavares de Silva Lira, 24 anos, professora, agricultora. Entrevista concedida em 24 de março de 2014. Local: Museu Jackson do Pandeiro (Alagoa Grande-PB).

de Caiana do Agreste, quando ambos conversavam sobre a identidade étnica dos moradores, bem como a sua percepção acerca de ser ou não negros, Elza explica:

[...] as pessoas de Caiana do Agreste elas não se aceitam negras. [...] a pessoa não se identifica [...] uma pele que não são brancos [...] uma pele mais clara, isso as vezes, pra muita gente não quer dizer que é negro. [...] de assumir a sua identidade, o que é ser negro, o que é ser branco. [...] mas nada de branco, não vejo nada de branco nele. [...] “Eu sou moreno!” [...] eu tenho pra mim que você é negro, e vou dizer porque [...] ser negro é ter sangue negro, é ter consciência negra [...] se você é negro mas não se aceita porque tem uma pele clara [...] é assumir a sua identidade [...] é realmente ser negro, ser negro mesmo de pele e ter sangue negro, pra mim é ser negro. “E o que é danado ter sangue negro?” Ele disse [...] ou teu pai ou tua mãe [...] assim tem [...] pra mim ter sangue negro é isso (risos).

Entretanto essa diferenciação não se caracteriza como preconceito racial ou qualquer tipo de segregação por parte dos moradores. De acordo com Elza (2014), quando questionada se existia alguma espécie de parentesco entre os moradores, respondeu: “Bem, tem algumas pessoas que sim, mas é muito raro. É... Tem muito compadre, comadre, esses negócios... Mas, de primo com Caiana do Agreste, Tem alguns mas é pouco. É... Tem alguns, mas é pouco”. Esse questionamento foi levantado para evitar alguma interpretação ou leitura equivocada que defenda uma espécie de racismo ou preconceito por parte dos moradores, fato que impossibilitaria qualquer forma de relacionamento afetivo entre os moradores das duas Caianas.

Percebemos que a etnicidade dos moradores é balizada em dois referenciais, a identidade étnica, materializada na condição de ser negro e, conseqüentemente, a sua atribuição enquanto quilombola, que se adquire por meio da ancestralidade negra e as tradições referentes à comunidade, conforme será abordado a seguir.

Sobre essa questão, acreditamos que o posicionamento de dona Edite¹⁵ torna-se emblemático para podermos compreender essa linha tênue e, às vezes, simbiótica, entre ser negro e ser quilombola. Quando perguntamos à dona Edite se ela se considerava uma quilombola, ela respondeu “eu me considero negra por que quilombola, inventaram de um tempo desses pra cá. Agora eu me considero negra. Sou negra e assumo aonde eu chegar. E honro a minha cor”.

Lembrando que o posicionamento de dona Edite acerca do ser (ou não ser) quilombola foi o que se caracterizou como *insight* para a presente pesquisa, hoje, após um aprofundamento maior na temática, bem como o contato com os moradores de

¹⁵ Edite José da Silva, 69 anos, agricultora, auxiliar de serviços e cirandeira. Entrevista concedida em 19 de Fevereiro de 2014. Local: Escola Firmo Santino, Caiana dos Crioulos (Alagoa Grande-PB).

Caiana dos Crioulos, percebemos que dona Edite, ao afirmar que essa condição de quilombola tinha sido “inventada de uns tempos para cá”, não consistia, necessariamente, uma negação da sua condição de negra.

Após a pesquisa de campo pudemos perceber que para dona Edite as tradições¹⁶ da comunidade, perpassadas pelos seus antepassados, assim como a identidade étnica da comunidade, a diferenciação de Caiana dos Crioulos, ou seja, a ênfase na caracterização da cor da pele presente nos moradores da comunidade, configuram-se como uma afirmação da negritude de dona Edite, pois, como ela mesma afirma, ela honra a sua cor¹⁷.

Diferentemente de dona Edite temos como base as fontes orais obtidas por meio da entrevista com a professora Maria das Dores¹⁸, também conhecida como Neide¹⁹. Em sua fala, percebemos um posicionamento do que é ser quilombola para alguém que passou um tempo distante da comunidade, uma vez que a questão da identidade quilombola está, de uma forma ou outra, vinculada quase que de forma simbiótica com o pertencimento a um determinado território (MOREIRA, 2009; OLIVEIRA JÚNIOR, 2012; MARACAJÁ, 2013).

Quando questionamos a professora Neide²⁰ sobre ela se considerar uma quilombola, ela respondeu:

¹⁶ Entendemos tradição na definição proposta por Luvizotto (2010, p.75), na qual a qual defende “a tradição como um conjunto de sistemas simbólicos que são passados de geração a geração e que tem um caráter repetitivo” e dessa forma “A tradição deve ser considerada dinâmica e não estática, uma orientação para o passado e uma maneira de organizar o mundo para o tempo futuro. A tradição coordena a ação que organiza temporal e espacialmente as relações dentro da comunidade e é um elemento intrínseco e inseparável da mesma”.

¹⁷ Geralmente na academia, temos o terrível hábito de desejar que os conceitos propostos “dentro” dos muros se apliquem exatamente, como uma espécie de fórmula matemática, para todos que estão “fora” dessa instituição. Não pretendemos com essa afirmação negar a função social que a academia exerce em nossa sociedade ou reduzir as contribuições que essa desempenha na formação dos indivíduos, nosso objetivo é fazer uma crítica, sobretudo, ao nosso pensamento inicial, em que imaginávamos que uma definição proposta seria aceita, no dito popular “cairia como uma luva”, sem questionamentos por parte dos moradores. Nessa perspectiva é que se encaixa a “negação” de ser quilombola de dona Edite, não no sentido de negar sua ancestralidade, mas com o objetivo de demonstrar que suas tradições, bem como os costumes permanecerão os mesmos, pois os antepassados dela a ensinaram assim.

¹⁸ Maria das Dores Silva, 38 anos, professora, Entrevista concedida em 8 de março de 2014. Local: Alagoa Grande-PB.

¹⁹ A partir de agora, referir-nos-emos a essa como Neide, por se tratar da forma de tratamento como ela é mais conhecida entre moradores da comunidade, assim como de pessoas próximas a ela.

²⁰ Maria das Dores Silva, 38 anos, professora, Entrevista concedida em 8 de março de 2014. Local: Alagoa Grande-PB.

Me considero, apesar de ter, ter saído de Caiana, já foi, já andei Alagoa Grande, Rio de Janeiro, **hoje retorno, estou em Alagoa Grande de novo. Mas me considero uma quilombola** por quê? **Porque eu sou filha de quilombola, de pessoas que nasceram e eu nasci em Caiana.** Vivi até os 7 anos de idade. E que, assim, **eu aprendi desde muito criancinha**, hoje em dia meu filho já dança é o forró e o *funk* e eu não, **eu dançava era a ciranda. Desde o braço da minha mãe. Então eu me considero uma quilombola**, e que hoje também, graças a Deus, retornei e meu primeiro trabalho foi na comunidade de Caiana, como privilégio, isso me deixa muito feliz. (grifos meus).

A relação existente entre identidade e território se faz presente logo no início da fala da professora Neide, “me considero, apesar de ter saído de Caiana”, ou seja, percebemos que existe uma relação direta entre o lugar de nascimento e a construção da sua identidade, fato que fica mais evidente quando ela remonta a ancestralidade “Porque sou filha de quilombola, de pessoas que nasceram e eu nasci em Caiana”. Entretanto, parece que esses fatores precisam de um elo, que se materializa na forma de manutenção das práticas culturais e tradições da comunidade, pois quando a professora Neide afirma que dançava ciranda “desde o braço da mãe”, ela está dizendo que desde a sua infância foi criada junto às práticas culturais e tradicionais que caracterizam Caiana dos Crioulos e que nenhuma distância, temporal ou espacial, pode apagar essa relação de pertencimento que ela estabeleceu.

A professora Neide afirma, também, que foi convidada para participar da Organização das Mulheres Negras da comunidade, o que ela descreve como “um orgulho muito grande”, uma vez que sugere um reconhecimento por parte dos seus iguais, ou seja, os moradores da comunidade.

Essa ligação com a ancestralidade não diz respeito apenas ao posicionamento da professora Neide em relação à identidade quilombola. Quando fizemos o mesmo questionamento à Elza, sobre ela se considerar uma quilombola, essa demonstrou uma percepção que se aproxima bastante da ideia defendida pela professora Neide, pois ambas relatam que a tradição, quer dizer, as práticas e os costumes perpassados de geração em geração pelos antepassados tornam-se uma vinculação entre os moradores da Caiana de ontem com os da Caiana de hoje. Sobre essa questão, a posição de Elza é bastante elucidativa:

Eu me considero uma quilombola porque moro em uma comunidade tradicional, não é? Antes dela ser considerada quilombola, eu tenho na alma essas tradições, que veio passando de gerações em gerações [...] isso é ser quilombola, isso é ser de uma comunidade tradicional, isso é nascer em uma comunidade tradicional [...] com certeza eu me considero [...] até porque a palavra quilombola vem de que? [...] uma comunidade, de um grupo [...] agrega [...] que se torna família ali, um com o outro, que contribui. (grifo meu).

Novamente a questão da identidade está vinculada à questão territorial, ou seja, “morar em uma comunidade tradicional” significa fazer parte daquele coletivo, compartilhar das ideias e vivências desse coletivo, ser uma comunidade. Em seguida, Elza afirma que mora na comunidade antes dela ser “considerada quilombola”, pois o reconhecimento de Caiana dos Crioulos como uma legítima Comunidade Remanescente de Quilombos só confirma a tese de que Caiana é uma comunidade tradicional. De acordo com Elza, a tradição está presente na alma dela e, em consequência, também se faz presente na alma daqueles moradores que se reconhecem como negros/quilombolas e que compartilham as práticas tradicionais da comunidade, as quais foram ensinadas pelos antepassados.

Outra forma de percepção da identidade de quilombola é notável na fala da professora Luciene, o reconhecimento da memória da escravidão, ou seja, a percepção enquanto sujeitos que, em um passado não tão remoto, compartilharam de vivências e experiências em comum, simplesmente por serem negros e estarem em uma posição considerada inferior na sociedade, sobretudo porque essa se configurava como escravista, tornando os membros da comunidade mais próximos.

Essa percepção do ser quilombola, de acordo com a professora Luciene é caracterizada como

[...] **ser descendente de pessoas que, num passado não muito distante foram pessoas escravizadas, e é isso, é trazer a descendência em si.** Acho que a nossa cultura, a ciranda, até a fala, o dialeto aqui da comunidade é um pouco diferenciado, nós usamos algumas falas que são desconhecidas por outras culturas... Eu acho que é isso. (grifo meu).

Uma outra percepção do que é ser quilombola, elucidado pela professora Lúcia de Fátima (2014), também se torna emblemática para podermos compreender essas questões de ancestralidade negra e manutenção das práticas tradicionais da comunidade. Vejamos qual o posicionamento dela sobre isso:

Pra mim a pessoa ser quilombola hoje, não é você só ter nascido na comunidade não. Pra mim a pessoa ser quilombola é a pessoa que procura o conhecimento, os seus saberes, os seus fazeres, respeita a sua comunidade de quilombo e procura se for ligada a saúde procurar ter participação em saber. Quais são as doenças comuns à etnia negra e quilombo? Se for educadora, procurar levar pra sua escola é, por exemplo, a cultura e história afro-brasileira. É buscar! Porque ser quilombola pra mim é ser muito importante (grifo meu).

O posicionamento da professora Lúcia de Fátima amplia a noção do que é ser quilombola para além do território, “não é só você ter nascido na comunidade não”. Como ela mesma afirma, o fato de o indivíduo ter nascido na comunidade de Caiana dos Crioulos, por exemplo, não o caracteriza automaticamente um quilombola, o que vai torná-lo reconhecido como um quilombola é perpassar as tradições da comunidade, é procurar o conhecimento do saber/fazer dos moradores da comunidade, é respeitar a cultura e a comunidade como um todo.

Desse modo, para a professora Lúcia de Fátima, o ser quilombola extrapola os limites da comunidade, ela se torna “um símbolo de resistência”, resistência de uma parcela da população negra brasileira que sofreu durante mais de 300 anos o jugo da escravidão e não se aculturou, manteve viva as tradições africanas e deu uma nova roupagem às práticas culturais.

Sobre o reconhecimento da importância dos quilombolas na composição étnica e cultural da sociedade brasileira, a professora Lúcia de Fátima afirma que “a pessoa quilombola é muito importante”, demonstrando em suas características elementos de saber/fazer, resistência e conhecimentos tradicionais adquiridos pelos seus antepassados que conseguiram sobreviver ao passar do tempo e aos contatos culturais com as formas de cultura externas as comunidades. E complementa:

[...] porque é a representação de resistência, de conhecimento, de saberes, de fazeres, é uma representatividade que eu acho que ultrapassa ao seu mundo, é muito mais do que isso. É muito importante ser quilombola na minha opinião. Porque é resistência, é transmissor de saberes, de fazeres, como é importante. É um relato do, como o negro resistiu quando foi escravizado e quando foram trazidos para o Brasil. É um símbolo de resistência ser quilombola. Pra mim são muito importantes.

Relembramos que o lugar de fala da professora Lúcia de Fátima é um lugar fora da comunidade, porém, conforme fora explicado, a sua vivência em Caiana permite que ela emita um posicionamento²¹ que contribuiu de forma significativa para a percepção da identidade de quilombola na comunidade Caiana dos Crioulos.

Como já abordado anteriormente, as atribuições de grupos étnicos propostas por Barth (2011) se fazem presentes nos moradores de Caiana dos Crioulos, pois eles se

²¹ Quando questionamos a professora Lúcia de Fátima se “devido a sua vivência e contribuição na comunidade, ela poderia se considerar uma quilombola” ela respondeu: “Não. Eu num posso não, porque eu estaria me colocando em um local que não era meu. Gostaria muito de ser, mas eu num posso chegar a uma local e dizer que sou quilombola não. Eu sou uma admiradora, uma estudiosa, respeito muito, muito! Gostaria muito, mas num depende, num é só eu querer, eu teria que ter essa historia de quilombo que eu num tenho, mas gostaria muito de ter.” (Lúcia de Fátima, 2014).

reconhecem como iguais mediante determinadas características que, automaticamente, as transformam em elementos que os diferenciam dos demais não-quilombolas. Dessa maneira, a etnicidade dos moradores serve como característica de diferenciação, materializada na sua forma da identidade negra.

Apesar do autorreconhecimento como negro se fazer presente em todos que foram entrevistados, essa aceitação não foi de forma pacífica, conforme menciona a professora Neide. Durante a realização da pesquisa de campo, ela relatou que se a pesquisa tivesse ocorrido em meados de 2009, provavelmente ela não teria se disponibilizado para relatar suas vivências, bem como se reconhecer como uma negra/quilombola de Caiana dos Crioulos. Assim, quando perguntada se tinha algum conhecimento sobre o seu passado quilombola, Neide respondeu:

Na minha, ao fazer a minha monografia. Porque até ai eu fui parte do afoxé, ia pelo... Pra igreja, dançar as dança lá [Ciranda], mas nunca me despertou não. Quando se falava alguma coisa, e eu falo com toda propriedade, que eu tinha vergonha, até se você me perguntasse, eu ia pra igreja com as meninas, apresentar os trabalhadores e tudo, mas se você perguntasse depois eu não queria falar mais não, era apresentou ali e eu não queria mais nada. Lá mesmo na Caiana a gente apresentava mas depois se me perguntasse eu não queria falar mais não, eu tinha vergonha. Mas hoje, mas depois, quando eu comecei a pesquisar, para a minha monografia, então isso foi um enriquecimento muito grande na minha mente e que me despertou e realmente fez, assim, a minha aceitação veio a partir daí, que agora eu não tenho problema nenhum. Se é há, acho que a uns, eu me formei no segundo semestre de 2010, se é em 2009, eu talvez não tivesse dando essa aqui entrevista pra você.

Percebemos que o reconhecimento da identidade negra perpassa esferas que são conflituosas, como afirmou Ferreira (2009). Assim, apesar de hoje a professora Neide se identificar e se reconhecer como negra e quilombola, isso não implica que ela passou por um processo de fácil aceitação. Em sua fala, é perceptível que enfrentou uma luta interna, na qual se chocaram valores e visões de mundo distintas, em que de um lado estava a cultura tradicional da comunidade quilombola e do outro um mundo considerado “branco”.

Dessa maneira, a etnicidade dos moradores da comunidade de Caiana dos Crioulos enquanto quilombolas não pode ser separada da sua percepção enquanto negros, pois, ao rememorar acontecimentos que são considerados importantes, as entrevistadas remetem-se ao 20 de novembro, data que se constitui enquanto marco simbólico da luta da população negra brasileira, demonstrando uma consciência e ação política, bem como a inserção dos moradores de Caiana em uma luta de caráter

nacional, unindo-os em torno de uma causa comum, a luta contra a exploração e o racismo presente em nossa sociedade.

Sobre as origens da comemoração do 20 de novembro, dona Edite afirma que ela acontecia há “muito tempo”, mais de 20 anos atrás, em meados da década de 1990, e que as comemorações ocorriam inicialmente na igreja da comunidade, mas que, com o passar do tempo, foram relocadas para a Escola Firmo Santino. Afirma dona Edite:

Faz muito tempo. Todo ano a gente faz, faz mais de vinte ano que a gente faz todo ano aqui. Começou lá da Igreja. Num tem a Igreja ali na frente? Começou lá na igreja fazendo lá, aí depois o pessoal foro e puxará praqui [Escola Firmo Santino] aí ficou aqui, todo ano tendo aqui. (grifo meu).

A ancestralidade da comemoração é elucidada por dona Edite quando ela afirma que, inicialmente, o 20 de novembro era comemorado na Igreja enquanto uma “festa religiosa” e que, mesmo assim, comemorava-se a consciência negra. Quando questionamos sobre as motivações da comemoração dessa data, dona Edite respondeu: “Porque foi dos antepassados. Dos antepassados”. Mais uma vez, percebemos a valorização e preocupação na manutenção da tradição nas práticas da comunidade de Caiana dos Crioulos.

Percebemos que o 20 de novembro é um acontecimento de extrema relevância para o calendário cultural da comunidade, uma vez que a comunidade, literalmente, para suas atividades, tendo como objetivo comemorar essa data. Evidenciando essa questão, a professora Lúcia de Fátima afirmou que o acontecimento mais marcante da comunidade ocorre nas comemorações do 20 de novembro. De acordo com ela,

Como educadora, toda a comemoração do 20 de Novembro. Pra mim todo ano é um marco. Porque é muito bonito você vê as pessoas da comunidade se confraternizando, mas também discutindo os seus problemas, suas dificuldades. Ao mesmo tempo eles colocam a sua cultura através da dança, da gastronomia, é muito bonito. Então pra mim o marco maior e todo ano ele se repete é o dia da comemoração da Consciência Negra em Caiana.

A explanação da professora Lúcia de Fátima traz à tona um caráter político, pois, apesar de ser um dia de comemoração, as lutas não são deixadas de lado, à medida que os problemas e as dificuldades são discutidas no âmbito da comunidade. Além de que, atualmente, a cultura e a tradição de Caiana dos Crioulos são evidenciadas em vários aspectos, sobretudo, na forma da dança e até mesmo da gastronomia²².

²² Uma das singularidades da gastronomia de Caiana dos Crioulos é a cocada de cenoura, feita por dona Edite. Seu reconhecimento extrapola os limites da comunidade e até mesmo de Alagoa Grande.

Dessa maneira, observamos que as comemorações referentes ao 20 de novembro, ocorridas no seio da comunidade, caracterizam-se como um momento que, além de servir de reflexão para os problemas da comunidade, configuram-se, também, como um momento de afirmação da etnicidade dos moradores de Caiana dos Crioulos, uma vez que nesse período as identidades dos moradores são (re)afirmadas perante seus pares, assim como a sua cultura e a sua tradição.

Na “fotografia 1”, percebemos as festividades ocorridas durante a comemoração do 20 de novembro no ano de 2014, do lado esquerdo faz-se presente o corpo docente da escola, no qual destacamos a presença da professora Luciene, penúltima da esquerda para direita. E no lado direito, temos uma apresentação do grupo de dança afro no pátio da escola. A apresentação foi aberta ao público e nela compareceram não somente alunos da escola, mas também a comunidade de uma forma geral, pais de alunos, moradores e políticos da cidade de Alagoa Grande.

**Fotografia 1 – Comemorações do 20 de novembro,
Escola Firmo Santino em Caiana dos Crioulos, 2014.**



Fonte: Acervo online do portal *Blog* do Thiago Albuquerque. Acesso em: 26 nov. 2014.

Apesar de reconhecer a importância da comemoração do 20 de novembro na comunidade de Caiana dos Crioulos, tanto a professora Neide quanto dona Edite relatam que as festividades vêm se modificando significativamente com o passar do tempo, deixando de lado as tradições da comunidade e se tornando uma festa com uma participação efetiva mais de gente de fora do que dos próprios moradores da comunidade, como era comum acontecer.

Da mesma forma que a professora Lúcia de Fátima, ao rememorar o acontecimento mais marcante ocorrido na comunidade de Caiana dos Crioulos, a professora Neide afirma: “Na comunidade em geral é que eu me recordo assim, das primeiras vezes que eu comecei ir ao dia da consciência negra e que antigamente era mais gostoso do que hoje”. A entrevistada afirma, portanto, que as formas de organização das festividades para a comemoração do 20 de novembro estão se modificando ao longo do tempo. A professora Neide relata como aconteciam essas comemorações na época que ela estava com 14 anos de idade em meados da década de 1970. Segue a transcrição do relato da professora:

Que hoje eu percebo que eles fogem um pouco, até o povo da comunidade mesmo, tá fugindo um pouco da tradição e diz que é tradição, não todos. Mas logo não, logo era aquela tradição mesmo, cada um levava um quilo de alguma coisa, eu não me recordo assim, dos meus quatorze anos. E fazia aquela comida onde servia todo mundo, ai um levava uma panela de arroz, e eu lembro era muito gostoso. E a gente brincava, e vinha o pessoal de fora, e a ciranda comia e o coco de roda. Então era muito marcante.

A exposição da professora Neide, além de evidenciar a forma de organização do 20 de novembro nos finais da década de 1970, afirma que atualmente as comemorações estão fugindo um pouco da tradição e que os moradores não estão mais comemorando essa data como deveria ser comemorado. O questionamento levantado pela professora Neide e, conseqüentemente, pela dona Edite está relacionado à falta de respeito que os atuais organizadores da festividade exercem para com as tradições dos antepassados. Além do que evidencia certa prática política, por parte de agentes internos que tentam, de certa forma, modificar as comemorações e os intuitos daquela festividade. Na sua fala é perceptível também o caráter externo dessa tentativa, assim como ela relata que “já houve coisas que não é da nossa cultura, a cultura de outros de fora”.

A professora Neide exemplifica sua fala demonstrando que, em determinado momento da comemoração do 20 de novembro ocorrida no ano de 2013, a principal marca da descaracterização das tradições da comemoração se materializou na apresentação de uma banda de forró, conforme apresentado no relato abaixo.

Já aconteceu várias vezes, que eu procurei saber. Que nesse dia da consciência negra, já, já mudaram. **Já houve coisas diferentes que não é da nossa cultura, a cultura de outros de fora. Que antes era só a gente ali mesmo, e que as pessoas de fora eram pra nos visitar, nos vê a gente mostrando a nossa cultura.** E hoje não, hoje, hoje com esse negocio de liderança, de... É, troca de prefeito, sei lá. Um negócio assim, né? Político. Você já vê que já tentam mudar alguma coisa. **Levar um forró no dia da consciência negra pra mim** isso é um, pra mim, isso na minha visão é como

se tivesse desfazendo, ou não tem conhecimento. Por que eu, uma coisa dessas eu nem vou não participar. Não tenho vontade nenhuma de... Esse ano passado [2013] inclusive, desculpe, mas eu não fui não. (grifos meus).

A presença de uma banda de forró no lugar das tradicionais apresentações dos grupos de ciranda da comunidade configurou-se, na visão da professora Neide, como uma desfeita ou falta de conhecimento do propósito do 20 de novembro, por parte dos organizadores que transformaram um evento que é repleto de significado político/simbólico em uma apresentação vazia para uma parte significativa dos moradores de Caiana dos Crioulos. Esse esvaziamento dos significados para a comemoração do 20 de novembro se deu por meio de uma espécie de “invasão” por parte de elementos externos à comunidade, uma “cultura do outro”, de fora, que, especificamente naquele momento, não poderia ter mais destaque do que a cultura de Caiana, pois, de acordo com a professora Neide, quando ela pensa na comemoração do 20 de novembro na comunidade ela observa ou pressupõe que esse tenha um objetivo.

Porque eu achei que eu queria mostrar, participar da minha [ênfase] comunidade, resgatar a minha [ênfase] cultura, não vê a cultura do outro. O tema pra mim não tem nada a vê com forró de palco e o outro lá dançando, não tem nada a vê com isso. (grifo meu).

A apresentação do 20 de novembro ocorrida no ano de 2013 também repercutiu de forma negativa na opinião de dona Edite. Ela inicia sua fala demonstrando a importância que a data exerce na comunidade, sendo comemorado todos os anos:

Dia da Consciência Negra todo ano é aqui, agora esse ano [se referindo a 2013] eu num participei aqui de nada. Só vim aqui assim, passei aqui, se eu passei duas horas eu passei muito. Porque eu não gostei, faz que nem o ditado porque aqui a nossa comunidade, eu acho que a nossa comunidade nessa hora precisou de mais respeito.

Ao que será que dona Edite quis se referir com falta de respeito? Além da apresentação da banda de forró outro acontecimento marcaria, de forma negativa, a percepção que dona Edite teve do evento. De acordo com ela, houve uma apresentação, provavelmente teatral, na qual uma mulher tirou a roupa e ficou “nuinha”, o que se caracterizou para ela como uma falta de respeito. Segue o relato de dona Edite sobre o ocorrido:

Porque veio uma mulher de num sei da onde, aí ela veio fazer umas apresentação e ficou, com licença da palavra, nuinha, pelada, do jeito que ela nasceu aí nesse terreiro. Aí por Deus que eu nem tava aqui, eu só sube da notícia. Aí eu tive tanta raiva, tanto desgosto, que eu vinha pra apresentar, fazer uma apresentação da ciranda aqui, mas o meu grupo ninguém quis se apresentar. [...] Aí vieram aqui e fizeram essa palhaçada. Eu disse, faz que nem o ditado [...] Eu ir me apresentar hoje, aqui com essa palhaçada que fizeram? Eu exijo, o que eu mais exijo na minha vida é respeito. Porque respeito é como diz o velho ditado “respeito é bom e eu gosto”. Respeito e carne de galinha nunca fez mal a ninguém. Eu quero o meu lugar respeitado, num quero o meu lugar desrespeitado não. Aí eu num me apresentei não. Faz que nem o ditado fizeram aí e a metade que nem diz a história, num sei de que jeito foi, também num vim, num sei te contar.

Além da descaracterização de um sentido para os moradores da comunidade, uma vez que o que estava em evidência na apresentação do 20 de novembro não era mais a cultura de Caiana dos Crioulos e sim uma cultura alheia, “uma cultura de fora”, a fala de dona Edite evidencia que ela não esperava esse tipo de prática na comunidade, considerada por ela como uma falta de respeito com as tradições deixadas pelos antepassados.

De acordo com dona Edite e Neide, as apresentações do dia 20 de novembro deveriam seguir as tradições da comunidade, pois somente assim, essa data, que já é “comemorada a mais de 20 anos” na comunidade, continuaria a ter o seu significado para estes moradores. A partir do momento em que se manifestam alterações na forma e no conteúdo dessas celebrações, os moradores que são adeptos de um modelo mais ortodoxo de celebração, passaram a estranhar e perder o significado na participação desses eventos.

Conforme fora exposto, a identidade étnica dos moradores de Caiana dos Crioulos está diretamente associada ao seu caráter mais evidente, ou seja, a cor da pele. Elemento que se constitui inclusive na caracterização e, conseqüente, diferenciação da comunidade de Caiana das demais Caianas existentes na região, como é o caso de Caiana do Agreste ou até mesmo da Caiana de Imbira.

A respeito dessa definição e caracterização da Caiana dos Crioulos, assim como dos elementos que a diferenciam das demais comunidades existentes na região, a professora Luciene afirma que a principal característica de Caiana diz respeito à composição étnica dos seus moradores. De acordo com ela,

A cor, eu acho que a cor. A cor negra, em si. Hoje a gente tem uma mistura muito grande, a miscigenação. Claro, né. O Basil em si é uma miscigenação aqui em Caiana também, mas antes, na época dos meus pais, dos meus avós, era difícil você encontrar pessoa "branca" aqui em caiana. **A grande maioria, a maioria das pessoas, todas eram negras.** Só que depois ai vai casando, casa assim um branco com um negro, ai o filho já vai nascer com menos melanina, a cor vai ficando mais clara, então, são essas coisas. Outras pessoas também vão chegando de fora [...]. (grifos meus).

A designação “dos Crioulos” para a comunidade de Caiana, que enfatiza a característica mais marcante da comunidade, serve como um elemento de identificação, tornando-se um elo em comum por parte dos moradores e transformando-se em um elemento de manutenção da identidade, uma vez que cria nos moradores um sentimento de pertencimento, uma ideia de comunidade²³. Essa ideia de comunidade funciona como uma via de mão dupla, de autorreconhecimento por parte dos seus iguais, bem como de um reconhecimento da diferença por parte daqueles que não fazem parte da comunidade, sejam eles moradores próximos, como os residentes em Caiana do Agreste ou Alagoa Grande e, até mesmo, de uma distância considerável, como é o caso dos que moram no Rio de Janeiro. Sendo assim, essa concepção perpassa qualquer outra localidade onde os moradores da comunidade de Caiana dos Crioulos mantenham uma espécie de ligação, seja ela de base afetiva ou voltada para o mundo do trabalho.

Sobre a concepção de identidade a qual nos referimos, acreditamos que a percepção de Montes (1996) enquanto um processo de construção, que não pode ser desassociado do seu ambiente externo, torna-se crucial para a compreensão dessa dinâmica que fora apresentada, relacionando a etnicidade dos moradores com o processo de reconhecimento como uma legítima Comunidade Remanescente de Quilombos, conforme fora apresentado. A identidade é

[...] um processo de construção que não é compreensível fora da dinâmica que rege a vida de um grupo social em sua relação com os outros grupos distintos. Assim, percebemos que é impossível pensar a identidade como coisa, como permanência estática de algo que é sempre igual a si mesmo, seja nos indivíduos, seja nas sociedades e nas culturas. Ao contrário, é preciso pensar que, uma vez que as sociedades são dinâmicas e a vida social não está parada, também a identidade não é só uma coisa fixa, mas algo que resulta de um processo e de uma construção. E não podemos entender essa construção sem o contexto onde ela se dá. (MONTES, 1996, p. 56).

²³ Percebemos aqui, não como um conceito teórico, mas sim na percepção dos moradores, como um elo margeado por traços de afinidade e solidariedade entre seus membros.

Da mesma forma, a professora Neide também reconhece como a principal característica de Caiana dos Crioulos o fato de seus moradores compartilharem uma ancestralidade étnica em comum.

A principal característica é por nós ser negro mesmo. E, assim, e a gente fazer, e hoje né? Ter o grupo, cor da terra. Ter um grupo de Ciranda, tanto o de Cida como a de dona Edite, a capoeira do Antonio, quer característica melhor? Mais marcante do que essa de Caiana. **A aceitação do povo hoje, isso pra mim, são características marcantes** que eu acho que ninguém acaba não, porque já vem aí as cirandeiras mirins, os pífanos mirins, então eu acho que vai continuar (grifos meus).

Além da valorização da etnicidade, a professora Neide afirmou ainda que a “aceitação do povo” também se torna emblemática. Desse modo “o povo” que teve a aceitação, aos quais ela se refere, pode ser entendido tanto como a população da própria Caiana dos Crioulos, que passou a valorizar sua ancestralidade negra, relacionando a história da comunidade com a história de resistência da população negra no Brasil em geral, bem como a valorização por parte dos não moradores, materializados na forma de pesquisas realizadas por membros da universidade ou, até mesmo, de outras instituições, como é o caso das políticas da Prefeitura Municipal de Alagoa Grande, entre outros.

Finalizando sua fala, a professora Neide demonstra que a tradição de Caiana dos Crioulos está sendo mantida viva, pois essas práticas, como as bandinhas de pífano ou os grupos que dançam coco de roda e ciranda, estão sendo transmitidas para as gerações futuras. Tal fato acarreta no contato, por parte das crianças da comunidade, com as práticas consideradas tradicionais pela comunidade, a exemplo da criação de grupos infantis e que os moradores denominam de “cirandeiras mirins” e dos grupos de “pífanos mirins”.

Considerações finais

Conforme foi percebido no presente artigo, a identidade de quilombola dos moradores de Caiana dos Crioulos está intrinsecamente ligada à sua etnicidade negra, não sendo possível desassociá-las ou afirmar que uma substituiu a outra.

A valorização das práticas deixadas pelos antepassados, bem como da sua condição étnica de ser negro, fez-se presente em todos os colaboradores da pesquisa, sendo perceptível tal valorização durante a pesquisa de campo. Durante essa etapa da pesquisa, percebemos várias práticas relacionadas à comunidade quilombola de Caiana

dos Crioulos cujo foco principal era o reconhecimento e a valorização das características étnicas inerentes àquela comunidade.

Nos eventos em que pudemos participar, a valorização da tradição, assim como de uma cultura específica de Caiana dos Crioulos, ficava evidenciada como eixo principal dos trabalhos desenvolvidos, sejam eles organizados por membros externos à comunidade ou pelos próprios moradores e professores da Escola Firmo Santino, principal palco dos acontecimentos e festejos realizados na comunidade, sobretudo nesse âmbito.

Percebemos que a tradição é um elemento essencial para compreendermos a dinâmica na vida dos moradores da comunidade de Caiana dos Crioulos. A fala deles evidencia que as práticas realizadas na comunidade são ancestrais, ou seja, são elementos que servem como elo entre o hoje e o ontem, conforme dona Edite menciona “já veio tudo do dos antepassados”.

Percebemos ainda que existe um sentimento de dever, presente nos moradores de Caiana, em manter viva a tradição deixada pelos seus ancestrais, o que torna a comunidade de Caiana dos Crioulos um foco de resistência negra no território paraibano, bem como confere a ela uma característica única, que a torna tão singular em face de outras comunidades rurais e, inclusive, diante de outras comunidades remanescentes de quilombos existentes no estado da Paraíba.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de. Os Quilombos e as Novas Etnias. In: O'DWYER, Eliane Cantarino (Org.). **Quilombos, identidade étnica e territorialidade**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002.

ARRUTI, José Maurício. **Mocambo**: Antropologia e História no processo de formação quilombola. Bauru: EDUSC, 2006.

BARTH, Fredrik. Grupos Étnicos e suas Fronteiras. In: POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. **Teorias da Etnicidade**, São Paulo: Ed. UNESP, 2011.

FERREIRA, Ricardo Franklin. **Afro-descendente**: Identidade em Construção. São Paulo: EDUC/ Rio de Janeiro: Pallas, 2009.

FIALHO, Vânia. Caiana dos Crioulos: revisitando um quilombo do brejo paraibano. **Observatório Quilombola**, v. 8, n. 15, 2005. Disponível em: <http://www.koinonia.org.br/OQ_temp/pop_ensaio15.htm>. Acesso em: 26 nov. 2013.

FUNES, Eurípedes A. “Nasci nas matas, nunca tive senhor” – História e memória dos mocambos do baixo Amazonas. In: REIS, João José; GOMES, Flávio dos Santos. **Liberdade por um fio**: história dos quilombos no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. p. 467-497.

GOMES, Flávio dos Santos. **Histórias de quilombolas**: mocambos, e comunidades de senzalas no Rio de Janeiro, século XIX. Ed. Revista e ampliada. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

GOMES, Flávio dos Santos. **A Hidra e os Pântanos**: Mocambos, quilombos e comunidades de fugitivos no Brasil (século XVII-XIX). São Paulo: Editora UNESP/Ed. Polis, 2005.

LIMA, Fernanda Barboza de. **Comunidade Quilombola Caiana dos Crioulos**: um estudo sociovariacionista. 2014. 288 f. Tese (Doutorado em Letras) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2014.

LIMA, Hezrom Vieira Costa. **“Já veio tudo dos antepassados”**: história, memória e identidade étnica em Caiana dos Crioulos. 2015. 170 f. Dissertação (Mestrado em História) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Universidade Federal da Paraíba: João Pessoa, 2015.

LOZANO, Jorge Eduardo Aceves. Prática e estilos de pesquisa na História Oral contemporânea. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Org.). **Usos & Abusos na História Oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2006, p.15-25.

LUIZ, Janailson Macêdo. **Das ressignificações do passado**: as artes da memória e a escrita da história da comunidade remanescente de quilombos Caiana dos Crioulos, Alagoa Grande-PB. 2013. 191 f. Dissertação (Mestrado em História) – Centro de Humanidades, Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande, 2013.

LUVIZOTTO, Caroline Kraus. **A racionalização das tradições no contexto da modernidade tardia**: o caso das tradições gaúchas. 2010. 160 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”: Marília, 2010.

MARACAJÁ, Maria Salomé Lopes. **Território e memória**: a construção da territorialidade étnica da Comunidade Quilombola Grilo, Paraíba. 2013, 162 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Centro de Ciências Exatas e da Natureza, Universidade Federal da Paraíba: João Pessoa, 2013.

MATTOS, Hebe. História e movimentos sociais. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (Org.). **Novos Domínios da História**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012, p. 95-111.

MATTOS, Hebe. “Remanescentes das comunidades dos quilombos”: memórias do cativo e políticas de reparação no Brasil. **Revista da USP**, São Paulo, n. 68, p. 104-111, 2006.

MONTES, Maria Lúcia. Raça e identidade: entre o espelho, a invenção e a ideologia. In: SCHWARCZ, Lilia Moritz; QUEIROZ, Renato Silva (Org.). **Raça e diversidade**. São Paulo: EDUSP, 1996.

MOREIRA, Alecsandra Pereira da Costa. **A Luta pela terra e a construção do território remanescente de quilombo de Caiana dos Crioulos, Alagoa Grande - PB**. 2009. 116 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2009.

MOURA, Clóvis. **Rebeliões da senzala**: quilombos, insurreições e guerrilhas. 3. Ed. São Paulo: Livraria Editora Ciências Humanas, 1981 [1959].

OLIVEIRA JÚNIOR, Manoel Felix de Oliveira. **Comunidade Quilombola Pedra D'Água, Ingá-PB**: história de resistência e memória camponesa. 2012. 64 f. Monografia (Graduação em História) – Centro de Ciências Exatas e da Natureza, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2012.

VOLDMAN, Danièle. Definições e usos. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (Org.). **Usos & abusos da história oral**. 8. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.